



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O Beco de (Vó) Dola: território negro num bairro negro de Vitória da Conquista

Flávio José dos Passos
Mestrando no PPGCS - PUC SP / Programa Intern. de Bolsas de Pós-Graduação da Fund. Ford
br2_ebano@yahoo.com.br

“Entregues à sua própria sorte, os africanos e seus descendentes vêm, desde então (a abolição), construindo a sua história, a despeito de tudo quanto lhes foi e continua sendo negado, nos espaços que lhes foi possível ocupar”. Josildeth G. Consorte (1991)

1. Territorialidades negras

Compreender a condição humana do negro na África e todos os processos de desterritorializações, na diáspora africana em todo o mundo e no Brasil só é possível a partir da compreensão de duas dimensões: o estar no mundo e o representar-se no mundo. Quanto à primeira dimensão, de acordo com Consorte (1991), “a definição do lugar do negro na sociedade brasileira sempre se constituiu um problema para o Estado, para as elites e para o próprio povo (CONSORTE, 1991, p. 87)”.

As cidades brasileiras, grandes, médias ou pequenas, com seus arranjos sócio-espaciais, ao mesmo tempo que refletem o quanto havia, nos grandes centros, desde o período da escravidão, uma onipresença dos escravos na cidade (KARASH apud SOARES, 2001, apud RAMOS, 2007, p. 100), também apontam para uma intencionalidade em se reeditar o confinamento do negro, anteriormente, na senzala, agora em espaços de segregação e invisibilidade, a partir de um reordenamento das espacialidades públicas e centrais do urbano.

De acordo com Rolnik (1989),

a história da comunidade negra é marcada pela estigmatização do território negro nas cidades: se no mundo escravocrata, devir negro era sinônimo de subumanidade e barbárie, na República do trabalho livre, negro virou marca de marginalidade. O estigma foi formulado a partir de um discurso etnocêntrico e de uma prática repressiva; do olhar vigilante do senhor na senzala ao pânico do sanitarista em vista ao cortiço; do registro esquadrihador do planejador urbano à violência das viaturas policiais nas vilas e favelas. Para a cidade, território marginal é território perigoso, porque é daí, desse espaço definido por quem lá mora como desorganizado, promíscuo e imoral, que pode nascer uma força disruptora sem limite. Assim se institui uma espécie de apartheid velado, que, se por um lado, confina a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

comunidade a uma posição estigmatizada de marginal, por outro nem reconhece a existência do seu território, espaço-quilombo singular (1989, p. 16).

As territorialidades negras urbanas nos remetem a duas realidades históricas coexistentes: os diversos processos de resistência à escravidão e ao racismo e os processos de urbanização e segregação racial. Assim, uma categoria que unifica toda essa realidade é a de território negro. Território que vem de terra, lugar (ou não-lugar).

Na sua concepção mais simples de terra que extrapola o chão que pisamos para significar todo o mundo, tudo que é extenso, tem forma, é visível a nossos olhos. Essa é, pois, a concepção de aiyê, por exemplo. Ela inclui a natureza num sentido bem amplo e as cidades, fundadas sobre os ancestrais através dos antepassados (SOUZA JUNIOR, 2010).

Há séculos, milhares de corpos negros são subjugados à humilhação do cativo, resistindo, ao ressignificar a relação com o seu próprio corpo. Assim,

o território é o corpo negro, este corpo marcado pela discriminação, pelo racismo. E o corpo que foi exposto ao trabalho forçado, a castigos. É o corpo que foi violentado. Mas este mesmo corpo é o corpo que reage e que é instrumento de resistência cultural. É o corpo que afirma, que agride, que incomoda o status quo. É o corpo capaz de subverter o ordenamento do modelo padrão. Este corpo também deve ser um território que representa e que tem sempre que ser entendido em três dimensões: a do indivíduo, da raça e da ancestralidade. Quer dizer, um negro ou uma negra nunca respondem por si só. Eles respondem por sua individualidade, sua raça e suas ancestralidades. Significa dizer que o corpo negro é um corpo histórico. Metaforicamente também, este território sagrado é também o território do quilombo, o território onde eu me enraízo, crio laços, tenho as minhas memórias. (AMADOR DE DEUS, 2010).

E todo o processo de reinvenção e construção de múltiplas culturas afro-brasileiras foi fruto das relações entre os universos simbólicos africanos e os que aqui se encontravam “ora em condições de desigualdades, ora de prestígio, ora de solidariedade (SOUZA, 2010).

A proposta deste artigo é buscar compreender como a territorialidade configura-se um elemento constitutivo dos processos culturais da família de Dona Zita das



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Pedrinhas, desde a origem do bairro Rua das Pedrinhas, até os tempos atuais, nos quais o bairro é conhecido mais pelo alto índice de violência e morte, com notícias diárias de crimes de toda ordem veiculadas nos meios de comunicação da cidade e região.

Contudo, nas memórias dos antigos carnavais de Vitória da Conquista (LEMOS, 2001; PASSOS, 2008), percebe-se uma nítida predominância negra nas antigas agremiações, saindo de diversas regiões da cidade, principalmente daquelas com maior número de negros (São Vicente, Patagônia, Guarani, Alto Maron e Pedrinhas).

Enquanto no início prevaleceu o trabalho braçal e a participação nos carnavais, hoje, no bairro Rua das Pedrinhas são muitas as ruas, pedaços, domínios e religiões dentro de um mesmo e pequeno contexto urbano, cada vez mais fragmentado¹. E o Beco de (Vó) Dola (mãe de Dona Zita), é uma dessas realidades que, ao apontar para o passado e para o futuro, talvez seja a mais emblemática. Para um passado áureo de lutas pela fixação na terra, busca de trabalho e afirmação da diversidade cultural e religiosa. E para um futuro incerto, de busca de superação da realidade de abandono e morte.

Uma pesquisa etnográfica tendo como centro da abordagem a compreensão das dinâmicas de sociabilidade, interação, organização de uma família negra extensa – moradora no Beco de (Vó) Dola, no bairro negro da Rua das Pedrinhas, na periferia de Vitória da Conquista, no interior da Bahia –, dialoga com seus sujeitos enquanto agentes de uma singularidade cultural, de uma memória coletiva, de um pertencimento étnico e religioso e, ao mesmo tempo, busca desenvolver um olhar antropológico em uma micro-realidade representativa de contextos nos quais estão inseridos os negros no Brasil e na diáspora africana, contextos muito mais amplos de determinação, inclusive.

2. O racismo brasileiro na estruturação de uma sociedade desigual

Consorte (1991), em texto seminal sobre “*A questão do negro*”, reflete como o pensamento hegemônico racista brasileiro no início do século XX defendia ter sido o fim da escravidão o máximo do resgate da dívida brasileira para com os negros que, a partir daquele momento, no campo e na cidade, estariam totalmente inseridos à

¹ Uma outra família negra extensa (não matrifocal), vizinha do Beco, cujo chefe foi um dos maiores nomes dos carnavais conquistenses, hoje está inteira em uma igreja evangélica, levando toda sua música negra. Como reflete Pinheiro (2007) tais realidades apontam para “um âmbito de possibilidades para a emergência de formas de se pensar e ser negro, isto é, de construir e veicular uma noção de negritude”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

dinâmica capitalista, podendo “se integrar à sociedade como homens livres, com iguais direitos aos demais, sendo que seu futuro neste país, a partir de então, dependeria apenas de seu esforço” (CONSORTE, 1991, p. 86). Para a ideologia dominante, o negro, além de “integrado na classe trabalhadora”, era representado como um grupo sem memória, sem território, sem identidade, pois,

não constituem grupos étnicos, não possuem territórios específicos, não falam a língua dos seus antepassados e, frequentemente, ignoram tudo a respeito da história dos seus maiores: de quando e como aqui chegaram, de onde vieram e o que trouxeram na bagagem. Suas manifestações culturais encontram-se muito fragmentadas e a sua imagem quando associada à sua ascendência escrava, evoca sempre como qualidades maiores, a docilidade, a paciência e a resignação, o sofrimento e a submissão, jamais a rebeldia, a resistência e a recusa da escravidão. Em resumo, os negros não tem espaços físicos a defender, sua herança cultural em grande parte se perdeu e, enquanto descendentes de africanos, longe de evocarem nobres virtudes, trazem à lembrança o sofrimento e a resignação associados a um passado que seria melhor esquecer” (Idem).

A autora toca o ponto central da estratégia do racismo no Brasil: negar a existência da questão do negro. Ao afirmar-se uma sociedade democrática, escapa de assumir e adia a verdadeira discussão em jogo, o que serve para a perpetuação das desigualdades raciais que fundam a República. Desde então, a elite se recusa

discutir, particularmente, o fato crucial de que, na restituição de sua liberdade, teria que estar implícita a restituição das condições que lhe foram tiradas quando de sua escravização, dentre as quais o acesso à terra sem dúvida a mais fundamental” (idem).

Assim, o Estado estruturou a sociedade brasileira com fortes pressupostos racistas, ao promover mecanismos de exclusão e invisibilidade das populações negras urbanas e rurais, através de pensamentos pautados em ideais eugenistas, no ideal de embranquecimento e na ideologia da democracia racial, hegemônicos por décadas (HASEMBALG, 1996; MATTOS, 2000), tendo como principais políticas as barreiras ao acesso dos negros a terra e a educação.

Nesse período, as transformações sócio-econômicas foram determinantes para as novas configurações dos espaços urbanos em todo país, a começar pelos grandes centros como São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro. As administrações municipais, recém-



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

criadas, passam a remodelar os espaços urbanos atingindo violentamente os territórios negros, removidos ou abandonados (FILHO, 1998).

Não obstante toda densidade histórica e cultural presente na Rua das Pedrinhas, são três as grandes violências do racismo estrutural contra o bairro: a) a exploração do trabalho braçal e a segregação espacial do bairro negro; b) a estigmatização dos moradores como “perigosos”, “bandidos”, “macumbeiros” e a consequente depreciação das expressões culturais que se desenvolvem no território negro; e c), a criminalização da pobreza, com a consequente violência do Estado que se faz presente apenas com seu braço armado.

Nas entrevistas durante a presente pesquisa, foi recorrente a fala de que

as Pedrinhas são muito discriminadas pelas pessoas que não conhecem aqui, que não vivem aqui, que nunca vieram aqui. Quando a gente quer conseguir um emprego, diz logo outro endereço, porque se dizer que é das Pedrinhas, já fica difícil. Não arrumam emprego por medo, por preconceito. A questão é que as pessoas não conhecem, não sabem nem como é que é aqui, que aqui tem família, que a maioria das pessoas que vivem aqui é tudo direito, não tem envolvimento com coisa errada, é só do trabalho pra casa e da casa pro trabalho. Mas isso já está muito impregnado aí na sociedade de que nas Pedrinhas só tem bandido, só tem pessoas que não presta (Entrevistada 1).

Tal fala é representativa de uma luta das pessoas em se livrarem dos estigmas impingidos sobre elas em situações de disputa de emprego e relacionamentos fora da Rua das Pedrinhas, num imaginário alimentado pelos meios de comunicação. O estigma de “perigoso” e “bandido” que não diz abertamente “negro”. A mesma cidade que abriga migrantes não-negros que conquistaram projeção econômica e social na indústria, na educação superior e no comércio – a maior força da economia local –, reserva à população negra as piores e menos remuneradas ocupações, além de uma condenação do seu lugar, através de um processo contínuo de veiculação de mensagens de estigmatização (Bourdieu, 1993; Velillhard-Baron, 1994; Gottidiener, 1993, apud Da Silva, 2004).

3. Os bairros negros – segregação e resistência

Para além do controle do escravocrata e das medidas definidoras da exclusão dos negros nos espaços urbanos, haviam os quilombos, sejam nas áreas rurais, mas também



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

urbanas. “Esses locais ou eram cômodos e casas coletivas no centro da cidade ou núcleos semi-rurais – as roças das periferias urbanas, bastante semelhantes ao que são hoje as roças de periferia dos terreiros de candomblé nas cidades” (Rolnik, p.5).

Segundo Ramos (2010),

estas resistências se dão pela manifestação e manutenção de valores civilizatórios e de manifestações culturais de matriz africana (pontuais e cotidianas) que são reelaborados, mantendo constante diálogo com as contribuições e imposições da civilização ocidental” (2010, p. 6).

A rua sempre foi um dos mais importantes territórios negros, já desde os tempos da escravidão. Qualquer coisa que fosse carregada, o era feito por um ou vários escravos. Da água nos poços e chafariz aos dejetos levados nos rios e portos, passando por toda sorte de mercadorias nos mercados (Idem). Nas cidades, os escravos de ganho e os libertos exerciam atividades as mais diversas que possibilitava, de um lado, a conquista da liberdade, de outro, o anonimato. Nas dinâmicas de urbanização, os bairros negros são lugares nos quais a população negra desenvolve estratégias de sobrevivência e afirmação de uma alteridade. Para Haesbaert (1997), a territorialidade

está impregnada não só de um poder que se circunscreve espacialmente, mas também de laços de identidade que tentam de alguma forma homogeneizar esse território, dotá-lo de uma area/superfície minimamente igualizante, seja por uma identidade territorial da qual a nacionalidade/o nacionalismo pode ser considerado exemplo moderno por excelência e/ou fronteira definidora da alteridade (apud NEGREIROS, 2010, p. 71).

Todas as estratégias de manutenção de uma unidade e proteção dos membros dos grupos marginalizados são formadoras da identidade, havendo uma relação entre a consciência da discriminação e as tentativas de sua superação (*Ibidem*, p. 78). São territórios negros à medida que se constituíram a partir da resistência às opressões geradas pelos arranjos territoriais engendrados pelo poder público.

Há, nos bairros negros, fruto de decisões coletivas, muitas soluções espaciais de ordem morfológica e criativa, na resistência cultural desenvolvida a partir de “dentro”:

calçada, o passeio alto, o canteiro de plantas e ervas, os quintais verdes intralotes e extralotes, cantos, becos e passagens (espaços semi-públicos, vilas e avenidas, entre outros, que fazem parte de um



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

contexto de hábitos sociais, culturais, filosóficos, religiosos e que também atuam como suportes do controle social, em demonstrações concretas do sentido da agregação social como base das culturas de matriz africana enquanto formação do coletivo, definido pela existência de ancestrais comuns a todos os membros da família: a família aldeia“ (OLIVEIRA, 2003 *apud* RAMOS, 2010, p. 08).

Há, além dessa dimensão morfológica, as dimensões invisíveis do espaço. As formas, os conteúdos, os comportamentos, as performances e representações presentes na criatividade popular dos bairros negros trazem fortes características de africanidades não desfeitas pela diáspora africana, mas sim, rearticuladas em novos contextos sociais, econômicos e políticos. Um legado africano entendido não como uma transposição

geográfica da identidade africana para os países da diáspora, mas existem relações entre a população negra de mistificação da África, como terra mãe, uma identidade social comum de negros e negras que é local e global, como camada mais pobre populacional no mundo todo, e uma identidade cultural de pertencimento, resistência e desprovimento (NEGREIROS, 2010, p. 71).

O aproximar-se numa perspectiva antropológica dessa realidade exige uma abordagem analisada com conceitos a partir de dentro da cultura de base africana (Negreiros). Nos bairros negros, o Outro é a população, o grupo, a família negra extensa orientada pelos valores e por uma racionalidade permeados por valores do pensamento africano em diálogo permanente com outras racionalidades, no caso, a ocidental.

Esta racionalidade outra “é embasada por energias cosmológicas que fluem em torno da cosmovisão africana, o axé (yourubá) e o ntu (bantu), que permeiam pessoas, animais, objetos, se conectando e se espalhando, emanando fluindo, multiplicando sentidos, sensações e percepções. É uma racionalidade permeada por aquilo que se vê e pelo que não se vê, impregnando e construindo a territorialidade negra (RAMOS, 2009 *apud* RAMOS, 2010).

A festa e a cultura não são algo para ser agendados com antecedências ou para ser assistidos em locais predeterminados. A festa é a tônica do beco. A ludicidade está presente em todos os momentos como um dos valores ancestrais mais fortes, não obstante a realidade de pobreza da família e a violência que ameaça de todos os lados. Por isso, a sensação de se estar em outro universo, em outra lógica de relações, de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

alteridade. Quem vem de fora, vem pra somar alegria, para trocar o prazer do encontro. Há uma atmosfera de satisfação, de relacionamento positivo com as energias da vida.

Assim, a comunidade negra extrapola a concepção de mero bairro negro, considerando-se as relações assimétricas de poder e as práticas de racismo, gentrificação e segregação sofridas pelas pessoas negras no cotidiano. E, por ser o racismo multifacetado, por serem as comunidades negras etnicamente heterogêneas, as formas de reconhecer e resistir ao racismo também são muito diversificadas. Da linguagem corporal à língua falada, da culinária à ginga, das danças à religião, incomodando e desafiando os padrões morais ocidentalizados e cristãos, passando a serem perseguidos como atraso, crendice e empecilho para a modernização da sociedade brasileira.

4. A formação do bairro negro da Rua das Pedrinhas

As recentes pesquisas sobre o de povoamento do antigo “Sertão da Ressaca”, apresentam que “a ocupação negra na região de Vitória da Conquista foi anterior à ocupação portuguesa” (SANTOS, 2008, p.3). Segundo Aguiar (1998), desde a colonização, a região sobrevivia da agro-pecuária e agricultura de subsistência. A partir de 1940, com a construção das rodovias que cruzam a cidade, este quadro começa a se alterar (1998, p. 2). A partir da segunda metade do século XX, a cidade se transforma com a forte expansão demográfica e econômica, tendo sua população de 7.682 em 1940 passado para 83.814 em 1970, afirmando-se como pólo econômico regional. Em 1991, a população já era de 180.603.

Surgia uma nova configuração do espaço urbano com novos eixos de circulação da riqueza, poder e conhecimento e a consequente segregação racial na formação dos bairros e na distribuição e acesso a esses bens. Também uma nova configuração das expressões culturais e religiosas que emergem dos novos e antigos bairros negros e das comunidades de terreiros, disputando os espaços centrais e o cenário cultural da cidade.

O bairro negro da Rua das Pedrinhas surge do deslocamento aleatório de dezenas de famílias de diversos pontos da cidade, da zona rural do município, da região e de outras regiões da Bahia, entre as décadas de 40 e 70. O contexto de migração do



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

meio rural, principalmente, das regiões de maior estiagem, a falta de perspectiva de trabalho na cidade, restando aos homens trabalhos esporádicos à beira da rodovia BR 101, conhecida como Rio-Bahia. Além disso, o deslocamento de famílias concentradas na região conhecida naquela época por Magassapo, com os projetos de modernização das vias de acesso ao centro da cidade, foram fatores determinantes para o deslocamento de diversas famílias negras que, aos poucos se fixavam no na Serra, até então, cortada apenas por duas vias importantes: a Rua da Corrente, por onde passavam as boiadas; e a Rua do Cruzeiro, a principal saída de carros para Jequié e Salvador.

Na formação da Rua das Pedrinhas havia dois focos de interesses: a água do Poço Escuro – próxima a menos de 500 metros – e as pedras “de concreto” e areia da “Serra do Peri-Peri”. Com a cidade em expansão e a precariedade da infra-estrutura, eclodiram problemas como o acesso à água e a materiais para as fundações. À população negra, os papéis de serviços braçais, essenciais para aquele momento.

Segundo relatos de integrantes das famílias, as duas primeiras famílias a se instalarem na região onde é o Beco de Dola foram de Dona Zefa – que futuramente viria a ser sogra de Dona Elza, irmã de Dona Zita – e a de dona Dola. Duas mulheres negras, Zefa e Dola estão na raiz da origem do Beco e das Pedrinhas. Dona Zefa possuía alguns terrenos que aos poucos foram vendidos, cedendo lugar às construções de adobão que duraram até poucos anos. A título de uma visão panorâmica da dinâmica sócio-histórica do bairro, podemos identificar cinco grandes momentos da vida da Rua das Pedrinhas:

a) a chegada das famílias, na sua maioria, negras, com as mulheres à frente abastecendo o centro da cidade com água potável e lenha; lavando roupa de ganho; suprindo as fundações com pedra-concreto; e também, no bairro, exercendo funções de liderança religiosa no bairro, como benzedeadas (8), parteiras (10) e mães de santo (8).

b) com o gradativo fim do trabalho com a água, lenha e pedras, ficaram muitas lavadeiras de ganho e, várias delas, exercendo suas práticas religiosas e de saúde popular, como Vó Dola que era rezadeira;

c) neste período, muitos homens estão à frente de organizar as batucadas, afoxés, escolas de samba e blocos afros nos antigos carnavais de rua; da Rua da Corrente, Mãe Vitória de Petu, com seu afoxé de caboclos a invadir a avenida em apoteose;



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

d) no final da década de 90, as Pedrinhas começam a ganhar destaque pelo aumento vertiginoso do número de crimes cometidos na região e atribuídos ao bairro;

e) o surgimento do bairro “Nova Esperança” – ocupação urbana contígua à Rua das Pedrinhas e, na sua origem, liderada por várias mulheres. Após uma luta intensa para conquistarem água encanada, calçamento, regularização fundiária, centro comunitário e energia elétrica, nos últimos anos a “invasão” é dominada por gangs de traficantes que transformaram o espaço em “terra de ninguém”;

f) no último final de semana de janeiro de 2010, 16 jovens foram mortos nas Pedrinhas e em outros bairros, em uma ação de vingança pela morte de um policial.

5. A violência policial contra jovens negros na periferia

De acordo com a Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia, nos 50 primeiros dias do ano, foram assassinadas 22 pessoas em Vitória da Conquista, 13 delas em janeiro e o restante entre 1º a 20 de fevereiro de 2011. Em 2010, foram 225 assassinatos cometidos no município – uma taxa de 70 mortes por 100.000 habitantes.

A violência das gangs rivais disputa em intensidade com a violência institucional da polícia nas abordagens, nas batidas e nas mortes. A relevância do trabalho de Lima (2010) é o jogar luzes em uma situação presente nas cidades médias brasileiras que por essas práticas de violência e abandono do Estado, já caminham não para se transformarem em metrópoles, mas em “necrópoles, se já não nasceram assim” (SANTOS, 1979 apud SILVA, 2006).

As notícias de uma ação policial violenta nos bairros da periferia já não chocam, mesmo quando seguidas de mortes. Tal indiferença é fruto da manipulação da mídia local e estadual ao afirmarem, sem muitas provas, que “os bandidos mortos tinham passagem pela polícia”. Tais falas recorrentes provocam um imaginário e uma conformação social quanto às versões unilaterais dos policiais de que “houve intensa troca de tiros com os bandidos”. Tais visões reforçam uma postura de não se pensar a violência nas periferias como sendo causada pela desigualdade estrutural do país e ausência de políticas públicas de superação da pobreza.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Assim, “as Pedrinhas”, mais pelo discurso hegemônico, do que pela realidade em si, muito mais complexa e rica, se constitui num território de mortes anunciadas ou esperadas, num lugar, ou “não lugar” (AUGÉ, 2008), da (in) viabilidade social. Há uma conjunção de dois elementos – corpos e territórios negros –, ambos transformados em algo passível de ser eliminado, a partir de uma intencionalidade articulada entre sociedade e Estado.

6. O Beco de (Vó) Dola – território negro dentro do território negro

Dentro dos processos de urbanização e segregação urbanos,

os territórios negros são aqueles espaços urbanos habitados por maior parcela de população *afrodescendente* e que se conformam histórica e socialmente a partir dos processos de imposição de desigualdades sociais à população negra e do desenvolvimento das culturas de base africana. A dinâmica sociocultural é determinada pela cultura de base, revelando-se no espaço geográfico como base dos processos de construção das relações históricossociais e das identidades das populações (CUNHA, 2001 apud RAMOS, 2010, p. 5).

Assim, se na Rua das Pedrinhas a memória coletiva carrega significados e sentidos da presença negra em Vitória da Conquista, o Beco de (Vó) Dola se configura como um espaço de exceção dentro do próprio bairro negro. Pensar o espaço e como o negro se relacionou com ele para se autoafirmar é pensar a relação encontrada, por exemplo, na realidade que sustenta a família negra extensa de Vó Dola e Dona Zita.

O Beco de Vó Dola só existe por conta da sociabilidade estabelecida nele pelo grupo da família dos descendentes das matriarcas e fundadoras do bairro. O barracão de Mãe Fátima, extensão da casa de Dona Zita, é o espaço de preservação da religião de candomblé Angola. E a casa, espaço de encontro, acolhida, suporte, união e trocas simbólicas da liderança exercida pelas mulheres mais velhas e compartilhada pelas de meia idade, tendo a figura de Dona Zita como eixo estruturador dessa dinâmica.

Esta casa onde se realiza o culto pode possuir dimensões amplas, mas também corresponder a um espaço doméstico que num determinado momento vai servir como local de celebração. É muito provável que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

inicialmente, africanos e africanas cultuaram os ancestrais em lugares bastante modestos como aqueles onde eles transitavam, era um culto discreto, realizado em alguns lugares das vias públicas, sob algumas árvores, em alguns altares improvisados ao lado de santos católicos ou mesmo levados no seu próprio corpo dentro de bolsas, etc. Quando puderam, em algumas regiões do país adquiriram em locais afastados do perímetro urbano, extensões significativas de terras, chamadas de roças. Ou mesmo, foram obrigados a se distanciar do centro da cidade, quando o culto feito através de palma não era suficiente para não despertar a polícia que de forma enérgica reprimia qualquer manifestação cultural de origem africana. (SOUZA, p. 3)

Todos esses elementos constitutivos de uma territorialidade negra, interdependentes e articulados a outras três dimensões antropológicas presentes na família de Dona Zita: a “Força simbólica circulante” (Mauss *apud* Hita), a cultura ancestral e a matrifocalidade. Uma alimentando a outra. Há um legado ancestral cuidado, preservado e transmitido pelas mulheres mais velhas da casa, desde Vó Quelé (mãe de Vó Dola) e Vó Dola, até hoje, com Dona Elza, Mãe Fátima e Dona Zita, suas filhas e filhos, numa família de 150 integrantes.

Desse legado, todos participam. Hita (2002) refere-se a esta realidade como sendo uma “*força simbólica circulante*”, “um bem coletivo e um legado do qual a descendência tem a responsabilidade de reproduzir e manter (e como o Dom de Mauss, circula)” (2002, p. 3). A vida da família passa pela voz e pelo silêncio das grandes mães da casa, do barracão de candomblé e das mais velhas. Essa “*força simbólica circulante*”

que é desigualmente distribuída por estas matriarcas entre seus descendentes, disputada por eles nas suas relações cotidianas e negociada com as respectivas matriarcas, ainda em vida, mediante o sentido dado às suas trajetórias e pelas interações estabelecidas com elas, se aproximando ou afastando das suas expectativas, ganhando ou perdendo o direito a parte maior ou menor do seu legado” (p. 3)

Bauman refere-se a essa dimensão como “círculo aconchegante”, expressão cunhada por Göran Rosenberg para traduzir uma realidade humana cada dia mais rara e separada “de um mundo de amargos desentendimentos, violenta competição, trocas e conchavos” (Bauman, 2003, p. 16). Dialogando com Ferdinand Tönnies e Martin



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Heidegger², refere-se à dinâmica da comunidade como sustentada por um *entendimento compartilhado por todos os membros*, num “sentimento recíproco e vinculante” e, como algo que não precisa ser procurado, acordado ou construído, pois, é graças a esse sentimento, e somente a esse sentimento, que na comunidade as pessoas “permanecem essencialmente unidas a despeito de todos os fatores que as separam” (BAUMAN, 2003, p. 15).

Somente a partir da concepção de comunidade enquanto entendimento compartilhado do tipo “natural” e “tácito” (idem, p. 17), para se entender como uma família extensa negra se organiza e enquanto grupo coeso (comunidade) para resistir ao tempo, à violência de um bairro abandonado à própria sorte, ao racismo de uma sociedade que não se permite negra, ao descaso do poder público, à pobreza, à intensificação das t rocas entre os de dentro e os de fora, com a aproximação agressiva das igrejas cristãs tentando de todas as formas “*doutrinar*” os que ainda teimam em continuar nas “*práticas erradas*”.

Nos estudos sobre matrifocalidade, Hita (2002) destaque o lugar da casa como

espaço habitável e constituidor da identidade dos seus membros e das relações intra e inter geracionais, um lugar de passagem para uns e uma referência permanente para outros. A casa no meio popular é um lugar ontológico, o lugar da mãe, uma fonte para a qual sempre se volta afim de tirar as energias necessárias para continuar a luta da vida (2002, p. 7).

E continua sua reflexão sobre a possibilidade de uma mulher se tornar

matriarca em seu grupo de parentesco vai depender da força e importância simbólica que ela (mais do que seu grupo familiar) consegue acumular. A força que estas “matriarcas” têm sobre seus filhos ou netos depende do “Poder simbólico da sua casa (2002, p. 7).

Referindo-se às “Mães das Mães” das comunidades negras, Gusmão (2007) ressalta a importância de uma linhagem feminina, para além do campo religioso, pois:

² Segundo SODRÉ (2002), “O ‘estar-no-mundo’ do sujeito humano é espacial, afirma Heidegger. E o espacial referindo-se à diversidade de lugares – logo, de diferenças – que constitui o mundo” (p. 13).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

elas dizem de uma herança reservada aos mais velhos e, no caso de mulheres, de um papel de *Mãe das Mães*, aquela que real e simbolicamente dá a vida (...) uma condição que fala de origem, continuidade e, sobretudo, poder. Um poder que se exerce de modo plural e coletivo. (*apud* GONÇALVES DA SILVA, 2007, p. 155).

Segundo Bernardo (2003),

esses poderes sobre-humanos femininos estão relacionados, não apenas à família poligínica africana, mas, sobretudo, à família matrifocal e à família de santo, cujo poder, no seu início residia na mulher que mediava a relação entre os deuses e os homens” (2003, P. 176).

Em nossa pesquisa etnográfica sobre o universo cultural e identitário de Dona Zita das Pedrinhas – este artigo é parte do primeiro capítulo de um trabalho mais extenso que se traduz num exercício dissertativo da conclusão do mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – o grupo de sua família extensa é uma comunidade negra, na perspectiva weberiana de “comunalização”, “que se define com o sentimento subjetivo de pertencimento a um mesmo grupo humano” (SODRÉ, 2000, p. 209). Nas comunidades “litúrgicas afro-brasileiras”, há uma afirmação da singularidade, do dizer “*eu sou o outro*” enquanto afirmação do pertencimento a uma “Arché”, detentora de uma diferença/alteridade.

Tais comunidades litúrgicas são espaços de preservação da memória ancestral, força afirmativa do local, abertos à virtualidade dos pertencimentos ou das alianças possíveis (SODRÉ, 2000, p. 223). São lugares onde a identidade é tecida com a palavra da “Mãe”, criadora de existência e história, cujo “poder feminino assegura a continuidade da existência e dos valores sagrados do terreiro” (IDEM, p. 215).

Segundo Sodré (2002), às concepções espaço-temporais dos espaços urbanos pela arquitetura e pelas políticas públicas de urbanização, mas principalmente, pelos

dispositivos capitalistas de contabilização dos tempos sociais”, sempre se opuseram outras processos simbólicos, oriundos das classes ditas subalternas, em geral caudatários de simbolizações tradicionais, pertencentes a “espaços selvagens”, onde se desenvolvem culturas de Arkhé (“populares”, costuma-se dizer). As comunidades litúrgicas conhecidas no Brasil como terreiros de culto constituem exemplo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

notável de suporte territorial para a continuidade da cultura do antigo escravo em face dos estratagemas simbólicos do senhor, daquele que pretende controlar o espaço da cidade” (2002, p. 19).

Desde o século XIX, os terreiros de candomblé constituem-se como uma das principais formas de resistência ao racismo, na manutenção de raízes civilizatórias africanas, na possibilidade de inserção social para as populações negras, seja pela mobilização no enfrentamento à pobreza e desigualdades raciais. Os barracões e terreiros tiveram e ainda têm papel referencial e simbólico à identidade negra no Brasil por trazerem diversas africanidades interrelacionadas: ancestralidade, religiosidade, circularidade, memória, ludicidade, corporeidade, oralidade e matrifocalidade.

O papel exercido pelas mulheres enquanto chefes das famílias extensas e lideranças religiosas revela a centralidade da mulher na comunidade negra, seja como mantenedora da família, seja como mantenedora da tradição, articulando a necessidade de garantir a vida – num contexto de vulnerabilidade social dos homens negros – com a defesa das tradições culturais ancestrais.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AGUIAR, Itamar Pereira de. **Religiões Afro-brasileiras em Vitória da Conquista**. VII Jornada sobre Alternativas Religiosas na América Latina, 1998.

Disponível em: www.fflch.usp.br/sociologia/posgraduacao/jornadas/papers/st03-7.doc

AUGÉ, Marc. **Não-lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, SP: Papirus, 7ª ed., 2008.

BAUMAN, SYGMUNT. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2003.

BERNARDO, Teresinha. **Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu**. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: Educ, 2003.

CONSORTE, Josildeth Gomes. **A questão do negro: velhos e novos desafios**. Revista São Paulo em Perspectiva. Vol. 5, n. 1. SEADE. São Paulo, 1991.

Disponível em: www.seade.gov.br/produtos/spp/v05n01/v05n01_12.pdf

CUNHA Jr., Henrique, RAMOS, Maria Estela R. **Espaço Urbano e Afrodescendência**. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

DA SILVA, Maria Nilza. **Nem para todos é a cidade: segregação urbana e racial em São Paulo**. Tese de Doutorado, PUC SP, 2004.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

DEUS, Zélia Amador de. **A questão racial no Brasil**. Anais preparatórios para a Confer. Mundial. Brasília, DF, p. 179-189, 2001. Disponível: <http://www2.mre.gov.br>.

FILHO, Alberto Heráclito Ferreira. **Desafricanizar as ruas: Elites Letradas, Mulheres Pobres e Cultura Popular em Salvador (1980-1937)**. Revista Afro-Ásia, 21/2. Salvador: UFBA, 1998/9. Disponível em: www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n21_22_p239.pdf

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Vertice. 1990.

HITA-DUSSEL, Maria Gabriela. **As casas das mães sem terreiro: etnografia de modelo familiar matriarcal em bairro popular negro da cidade de Salvador**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas - IFCH. Campinas, SP: 2004.

LIMA, Suzete de Paiva. **Racismo e Violência – prática de extermínio contra a juventude negra**. Dissertação de Mestrado. UERJ: 2010.

MOREIRA, Carlos Eduardo (et al). **Cidades Negras: africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX**. São Paulo: Alameda, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida em no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03. Disponível em: www.acaoeducativa.org.br/downloads/09abordagem.pdf

NASCIMENTO, Washington Santos. **Construindo o "negro": lugares, civilidades e festas em Vitória da Conquista/BA (1870-1930)**. Mestrado em Ciências Sociais: Antropologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil.2008

PINHEIRO, Márcia Leitão. **Música, Religião e cor – uma leitura da produção de Black music gospel**. Revista Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 27(2): 163-180, 2007.

RAMOS, Maria Estela Rocha. **Contextos de construção da territorialidade negra em áreas urbanas**. Revista África e Africanidades, Ano 3, n. 9, maio de 2010. Disponível em: www.africaeaficanidades.com/.../Contextos_construcao_territorialidade_negra.pdf

ROLNIK, Raquel. **Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro)**. Revista de Estudos Afro-Asiáticos, n. 17, Univ. Cândido Mendes, set. de 1989. Disponível em: http://www.usp.br/srhousing/rr/docs/territorios_negros_nas_cidades_brasileiras.pdf

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros. Identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

_____. **O terreiro e a cidade – A forma social negro-brasileira.** Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SOUZA JÚNIOR, Vilson Caetano. **Territorialidades Negras.**
Disponível em wilsoncaetanodesousajunior.blogspot.com